

# A descentralização dos pregões

por Guilherme Arruda  
de Porto Alegre

O presidente da Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa), Eduardo da Rocha Azevedo, esteve em Porto Alegre na sexta-feira, onde veio pedir o apoio do governador Pedro Simon para fazer pressão junto ao Banco Central (BC) para estender a realização de leilões da conversão da dívida fora do eixo Rio-São Paulo.

Alegando que o Rio Grande do Sul, a exemplo de outras praças, tem "motivos econômicos" para realização desses leilões, Rocha Azevedo disse que é preciso fazer força para não concentrar tudo numa mesma região. "Os conversores precisam saber que existem outras regiões produtivas no País", ressaltou.

## BELO HORIZONTE

"Isso não significa que

todo o lote ficará retido aqui", emendou o presidente da Bolsa de Valores do Extremo Sul (BVES), Antônio Delapieve, que na condição de presidente da Comissão Nacional das Bolsas de Valores vem percorrendo vários estados com o mesmo propósito.

Com a realização de dois leilões e a confirmação de mais dois — Rio de Janeiro e São Paulo — Delapieve acredita que o quinto leilão de conversão poderia ser realizado em Belo Horizonte, e o próximo em Porto Alegre. "Estamos pleiteando isso desde antes do primeiro leilão", acrescentou Delapieve.

## "LOBBY"

Rocha Azevedo aproveitou a audiência com o governador gaúcho para que ele também participe do 'lobby' que se está formando para influenciar os cons-

tituintes a desistirem de tabelar os juros bancários em 12%, conforme aprovação no primeiro turno do capítulo da ordem econômica.

"Se não houver uma ação forte neste sentido, os bancos estaduais serão os primeiros a quebrar, advertiu. Nesta segunda-feira, o presidente da Bovespa estará com o governador Alvaro Dias, do Paraná, onde tentará convencê-lo a participar da corrente.

## MONOPÓLIO

Segundo ele, os leilões de ações de empresas estatais estão saindo do monopólio do governo para o monopólio de grupos privados, referindo-se ao leilão da Aracruz, o que mais uma vez caracteriza a prática do sistema cartorial no País. "O governo precisa mudar isso, vendendo toda

sua participação, e não sómente os 17%, procurando pulverizar ao máximo, e com a participação de trabalhadores. Eles querem participar, as pesquisas mostram isto", disse.

## REGRAS

Com relação à adoção de novas regras para a política industrial, Rocha Azevedo lamentou que elas tenham vindo com muito atraso. Ele tem esperança que daqui para a frente "as coisas se encaixem", ressalvando que a efetivação dessas medidas depende de credibilidade "que não é o forte deste governo", disse. O único ponto negativo no anúncio das medidas, no seu entender, foi a presença do presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Albano Franco, "que coloca em dúvida toda a credibilidade", observou.